

Comunicação e Semiótica: visão geral e introdutória à Semiótica de Peirce¹

Marcos Nicolau²Daniel Abath³Pablo César Laranjeira⁴Társila Moscoso⁵Thiago Marinho⁶Vítor Nicolau⁷

Resumo

A utilização da Teoria Semiótica de Peirce ainda tem sido vista como um “bicho de sete cabeças” para muitos alunos de graduação e pós-graduação da área de Comunicação. Talvez porque sua parte teórica envolve muitas nomenclaturas complicadas que se entrecruzam ou porque os estudos se limitam apenas à parte restrita da Gramática especulativa dos signos icônicos, indiciais e simbólicos sem um arcabouço maior. Mas, a dimensão da Semiótica peirceana pode ser compreendida a partir da sua concepção mais geral até a aplicação da Retórica especulativa ou Metodêutica para estudos dos fenômenos da Comunicação. Este estudo propõe uma introdução aos aspectos gerais da Semiótica, mesmo diante dos riscos de simplificação de alguns aspectos da teoria.

Introdução

Convivemos com a realidade a nossa volta sem nos dar conta dos procedimentos que o cérebro humano utiliza para compreender os fenômenos cotidianos. E a comunicação que permeia nossas vidas faz parte desses procedimentos tão naturais, que sua dinâmica se incorpora aos nossos fazeres mais espontâneos, sem a devida mentalização. Mas, quando recorremos à Semiótica, a Teoria Geral dos Signos, desenvolvida por Charles Sanders Peirce, para entender esses processos, deparamos-nos com uma avalanche de nomenclaturas e explicações científicas capazes de levar a mente dos alunos à exaustão.

¹ Artigo produzido a partir do Seminário sobre Semiótica, da disciplina Metodologia da Pesquisa em Comunicação e Culturas Midiáticas, do Mestrado em Comunicação da UFPB, período 2010.1.

² Professor doutor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGC/UFPB.

³ Mestrando do PPGC/UFPB.

⁴ Mestrando do PPGC/UFPB.

⁵ Aluna especial do PPGC/UFPB

⁶ Mestrando do PPGC/UFPB.

⁷ Mestrando do PPGC/UFPB.

Sabemos que existe uma boa quantidade de obras já publicadas no decorrer dos anos, desde a década de 1970, com vários estudiosos brasileiros, entre eles Haroldo de Campos, Décio Pignatari e posteriormente com uma das principais semioticistas brasileiras, Lúcia Santaella. Todos eles procuraram esmiuçar a Semiótica, quer seja por explicações quer seja por aplicações e mesmo assim, prevalecem as reclamações e o medo diante da tentativa de compreensão e uso dessa teoria.

Em tempos de mídias digitais interativas, em que há uma profusão de linguagens sendo criadas e desdobradas, vemos a necessidade premente de verificar como vem se dando esse processo de criação de signos, capaz de gerar novas significações. A semiótica é essencial nesse processo.

Por sua vez, outro objetivo importante que destacamos para este artigo diz respeito à necessidade que temos de desenvolver novos métodos de pesquisa para compreendermos esses fenômenos comunicacionais criados no contexto da Internet e da Web. E uma das proposições de Peirce é que, através da Retórica especulativa ou metodêutica, devemos ir sempre à busca da definição de métodos mais apropriados aos diferentes tipos de pesquisas científicas. Acreditamos que o percurso feito da Gramática especulativa à Retórica especulativa poderá nos ajudar a compreender um pouco mais a Semiótica, bem como a perceber a necessidade de desenvolvimento desses novos métodos para estudo e entendimento dos fenômenos da Comunicação contemporânea.

O presente artigo não se propõe a resolver todas as dificuldades de compreensão da Teoria Semiótica que se estabeleceram ao longo dos anos, ou superar os escritos anteriores nessa façanha de deslindar uma teoria cheia de complexidades. Mas, tão somente, ajudar no desdobramento de seu entendimento e de suas aplicações na área de Comunicação junto ao alunado.

O princípio da Semiótica de Peirce

A Semiótica estuda o mundo das representações e da linguagem. Imagine que você vem por uma estrada e bem adiante algo chama sua atenção. Um borrão vermelho que se movimenta. Algo cuja qualidade inicial é ser vermelho e isso é tudo o que você capta dele em um primeiro momento.

Ao se aproximar começa a visualizar que o vermelho se agita como um pano. Essa é a segunda característica que você consegue identificar: a relação do vermelho com um pano em movimento.

Por fim, mais próximo do objeto, você desvenda sua dúvida: alguém agita uma bandeira vermelha na beira da estrada compreendida imediatamente como sendo um aviso de que há perigo mais adiante.

É desse modo que nos situamos no mundo em nossa volta: primeiro os objetos surgem em nossa mente como qualidades potenciais; segundo, procuramos uma relação de identificação e terceiro, nossa mente faz a interpretação do que se trata. Por isso a Semiótica se baseia numa tríade de classificações e inferências, ao demonstrar que existem os objetos no mundo, suas representações em forma de signos e nossa interpretação mental desses objetos. E uma das explicações mais citadas de Charles Peirce é a de que o signo é aquilo que substitui o objeto em nossa mente; são eles que constituem a linguagem, base para os discursos que permeiam o mundo.

É disso que trata a Semiótica de Peirce: o modo como nós, seres humanos reconhecemos e interpretamos o mundo à nossa volta, a partir das inferências em nossa mente. As coisas do mundo, reais ou abstratas, primeiro nos aparecem como qualidade, depois como relação com alguma coisa que já conhecemos e por fim, como interpretação, em que a mente consegue explicar o que captamos, ao que Peirce chamou de *Primeiridade*, *Secundidade* e *Terceiridade*. E todo esse processo é feito pela mente a partir dos signos que compõem o pensamento e que se organizam em linguagens.

Desde uma simples sensação até os discursos mais elaborados, como um filme, nossa mente vai lidar com os signos que fazem uma intermediação com a realidade que nos cerca. A compreensão que temos do mundo, os registros e as interpretações, a transmissão de informações, completam o processo de comunicação baseado nos sistemas de signos que compõem toda e qualquer linguagem.

Um romance, um anúncio numa revista, uma notícia no rádio, são tipos diferentes de discursos que utilizam linguagens verbal, imagética e sonora compostas por signos distintos. Ora são imagens similares como um desenho de um animal, ora são signos indiciais como poças d'água no chão que indicam que choveu, ora são palavras que nomeiam os objetos, convencionados como símbolos que representam estes objetos.

Eles ajudam a compor argumentos de raciocínio dedutivos, indutivos e abduativos, e nos permitem estabelecer métodos para chegarmos à compreensão de fenômenos diversos.

Todo fenômeno cultural é também um fenômeno de Comunicação, constituído por linguagens que permitem a produção de sentido. E é no ser humano que se desenvolve a transformação dos sinais em signos pela relação que ele mantém com a linguagem. Portanto, pode ser muito mais prático compreender a Semiótica a partir dos processos mentais, que usamos cotidianamente, de compreensão do mundo, para, depois, aplicar as nomenclaturas criadas no contexto dos estudos já publicados.

Noção preliminar anterior e à parte dos estudos peirceanos

A Semiótica é a ciência dos signos e dos processos significativos ou semiose, que ocorrem na natureza e na cultura. Segundo Nöth (2003), a palavra semiótica tem sua origem na expressão grega “sêmeion”, que quer dizer “signo”, e “sêma”, traduzido por “sinal” ou “signo”.

Os fenômenos culturais são abordados pela Semiótica como sistemas de signos, os quais constroem significações e vão dando sentido às coisas. Tal teoria se preocupa com qualquer sistema de signos, como a música, a fotografia, o cinema, as artes plásticas, o *design*, a moda, a mídia etc.

A Semiótica é uma área de estudos antiga, que tem suas origens nos Gregos, em grandes pensadores como Platão e Aristóteles, despontando, também, na Idade Média, com Santo Agostinho, Roger Bacon, São Tomás, passando pelos estudos dos filósofos do século XVII e XVIII: John Locke, com sua doutrina dos signos e com Johann Heinrich Lambert, autor de tratado intitulado *Semiotik*. Até, finalmente, chegar ao século XIX e florescer com dois grandes expoentes dessa disciplina: Ferdinand Saussure e Charles Sanders Peirce. Mas, também repercutiu na Rússia revolucionária, dando origem ao estruturalismo linguístico soviético, aos estudos da poética e a movimentos e pesquisas em trabalhos artísticos de vanguarda.

Ressalte-se, portanto, que, à parte dos estudos de Charles Sanders Peirce, os quais adotaremos aqui, existem estas outras correntes e vertentes da Semiótica que merecem uma rápida explanação.

No contexto da Semiótica russa, dois estudiosos, Potiebniá e Viesselovski iniciaram descobertas no século XIX acerca do estruturalismo linguístico. E mesmo com a grave influência negativa do regime stalinista, as pesquisas continuaram através do psicólogo Lev Vygotski e do cineasta Eisenstein, com estudos sobre relações entre linguagem e ritos, linguagem e gestos etc. Eisenstein se preocupava com questões como a origem dos sistemas de signos, o teatro, as relações entre pintura e cinema, a influência dos ideogramas japoneses, dentre outros.

Por sua vez, os estudos da poética, conhecidos como *Formalismo russo* desenvolveram-se e se problematizaram sobre uma poética histórica e sociológica, com Mikhail Bakhtin. A partir do fim dos anos 50, a União Soviética começa a recuperar o inventário desses estudos semióticos, tendo como referência Iuri Lotman. Partindo dos problemas da poética e da linguística, abre-se o leque para o estudo de signos na Cibernética, na Teoria da Informação e até na Matemática.

A intenção dos russos era, notadamente, a de querer abranger o todo da produção cultural, o que não é possível devido à falta de uma sólida fundamentação teórica por parte dos estudiosos russos. O que acontece é justamente a adaptação de ciências próximas para, só então, construir uma metodologia capaz de dar conta da totalidade dos fenômenos.

Paralelamente a toda essa empreitada russa, surgia em Genebra, no final do século XIX o Curso de Linguística Geral, que depois veio a se tornar uma obra publicada postumamente, fonte originária de Saussure. O foco desse autor estava na compreensão da língua dentro de um sistema de possibilidades de escolha, portanto, de articulações. Tal livro foi amplamente debatido na Europa e seus estudos foram retomados por Hjelmslev, com aplicações que depois tiveram repercussão na Antropologia e na Teoria Literária.

Comumente, essa linha de estudos ficou conhecida como Semiologia, tendo alguns grandes autores vinculados a ela, como Roland Barthes, Umberto Eco, A. J. Greimas, entre muitos outros linguistas. A Semiologia, também conhecida como a Linguística saussureana, é ciência da linguagem verbal, e a Semiótica é a ciência de toda e qualquer linguagem.

Desse modo, embora tenhamos os estudos da Semiótica datados da Grécia antiga, da idade média até o século XIX, é somente na era moderna que vai haver uma

sistematização mais apropriada desses estudos, já na época dos meios impressos, do cinema e das expressões artísticas. Como vimos, houve os estudos realizados na Rússia, e que, devido ao regime fechado, só veio ser conhecido em décadas mais recentes aqui no ocidente, bem como, os estudos de Saussure, na Europa, que deram origem a uma semiologia bastante pesquisada nos cursos de Linguística, no decorrer de todo o século XX até então, bem como os estudos de Peirce, na América. São três regiões distintas em que a Semiótica foi pesquisada quase que simultaneamente e isolados um do outro praticamente.

A dimensão dos estudos de Saussure

Ferdinand de Saussure vai estabelecer os pilares metodológicos de uma economia da linguagem, entendendo o objeto *língua* como um sistema regido por leis e normas muito próprias. Não se trata aqui de estrutura em nível sintático ou gramatical, pois Saussure se concentra na questão da estrutura em si, levando em consideração a interação entre as partes do todo. Assim, uma leve mudança em uma parte modifica todas as outras partes.

Língua seria um sistema de valores específico. A combinação dos elementos estabelece o sentido e o seu significado vai depender da nossa identificação dentro de uma comunidade linguística e social. Ao nascermos, precisamos nos enquadrar na língua. O objeto da linguística de Saussure é a língua como fenômeno social, com regras arbitrárias. A língua é vertical, regrada. Já a fala é a apropriação da língua de forma particular.

Saussure se prendeu à fundamentação de uma ciência da linguagem verbal. Não houve por parte do linguísta uma pretensão à construção de conceitos voltados para uma ciência mais ampla e completa do que a linguística, e ele mesmo previu a necessidade de tal ciência. Apenas depois de 40 anos é que a proposta do autor foi desenvolvida, ou seja, a partir dos anos 50, com o surgimento e a disseminação de linguagens em variados meios de comunicação, necessitando-se de um arcabouço teórico apropriado para a investigação desses fenômenos.

Da mesma forma que ocorre com a semiótica russa, a semiologia vai buscar em ciências vizinhas seus pressupostos (Teoria da Comunicação e Informação, Semântica,

Antropologia, Simbologia etc.), faltando da mesma forma uma autonomia teórica capaz de fundar uma ciência semiótica independente e completa.

Podemos aqui inferir sobre as diferenças básicas entre a Semiologia linguística, de origem saussuriana, e a Semiótica, de Peirce. Na Semiologia linguística, que tem origem em Saussure, o signo é a união do sentido e da imagem acústica, concebendo-se uma relação diádica entre *significado* e *significante*. Nesse sentido, quando pronunciamos ou escrevemos uma palavra temos seu plano de expressão, chamado de *significante*, composto pelo som ou pelos traços da escrita; mas, o que essa palavra quer dizer é o *significado*, constituindo o plano de conteúdo. Por sua vez, na Semiótica, a concepção de signo é triádica, pois Peirce parte da condição do objeto, de sua representação que é o signo e do representante, para quem o signo vai fazer sentido. Essa tríade se desdobra em categorias como primeiridade, secundidade, terceiridade; quali-signo, sin-signo, legi-signo; ícone, índice, símbolo – dentro do ícone, em imagem, diagrama, metáfora.

A concepção da Semiótica de Peirce

Espacialmente distintas e temporalmente sincronizadas nos EUA, na antiga União Soviética e na Europa Ocidental; impulsionadas pela Revolução Industrial e, como visto, pela conseqüente difusão de informações e mensagens de toda a ordem, as vertentes da semiótica originaram o que Santaella chama de uma “consciência semiótica”, ou seja, a consciência das linguagens e da necessidade de estudá-las. Nessa parte do trabalho iremos nos concentrar na semiótica peirceana, por ser o tipo mais apropriado aos estudos da área de comunicação em função do aporte metodológico e da abrangência conceitual em se tratando de signos.

Charles Sanders Peirce foi um cientista generalista (matemático, físico, químico, filósofo, psicólogo) que tentava fornecer, com sua vasta filosofia, uma linguagem comum a todas às ciências. Uma linguagem que fosse quase uma ciência e possibilitasse aos estudiosos entender as relações de seus diversos objetos de estudos.

Benjamim Peirce, pai de Charles S. Peirce, era, de acordo com Santaella (1983), o matemático mais importante de Harvard. O filho Charles, pela convivência em um ambiente de intelectualidade, já trabalhava com química aos 6 anos, tendo se formado

bacharel em química por Harvard. Dessa forma, Peirce era matemático, físico, astrônomo, biólogo etc., não se restringindo apenas à área de exatas. Trabalhou, no campo das ciências culturais, com Linguística, Filologia, História, Psicologia, sendo poliglota e tendo ainda estudado Arquitetura.

O ponto de união de todas as áreas em Peirce, através da condição de cientista, era a Lógica. Tudo o que Peirce estudou levou-o, inevitavelmente, aos estudos da Lógica. O conhecimento de variadas ciências é o que explica o estabelecimento das diferenças e das proximidades entre uma ciência e outra, realizando comparações entre métodos de raciocínio variáveis entre as matérias e determinados períodos de tempo.

Durante 60 anos Peirce tentou legitimar a Lógica como ciência. Conhecedor da Filosofia, Peirce ousou levar os métodos, formas de experimentação e questões científicas para o seio da Filosofia. Sua maior tentativa epistemológica foi vincular Lógica e Filosofia.

Segundo Santaella (1983), Peirce explica que um dia, aos 12 ou 13 anos de idade, pegou, no quarto do irmão mais velho, uma cópia da Lógica de Whateley e perguntou ao seu irmão o que era Lógica, recebendo uma resposta muito simples. Jogou-se no assoalho e se enterrou no livro. Desde então, passou a estudar matemática, ética, metafísica, anatomia, termodinâmica, ótica, gravitação, astronomia, psicologia, fonética, economia, a história da ciência, jogo de cartas, homens e mulheres, vinho, metrologia, sempre como um estudo de Semiótica.

Peirce, após todas as incursões metodológicas, propôs um esquema filosófico acabado. Partindo da Fenomenologia, que estuda os objetos e as estruturas da consciência cognitiva, daquilo que chega à mente, chegou às Ciências Normativas, que são à *Estética* – ciência dedicada ao que é admirável por si, sem razão aparente -, à *Ética* – ciência da ação ou da conduta -, e à *Lógica* ou *Semiótica* – estruturada a partir da estética e da ética como uma teoria dos signos e do pensamento racionalizado. Extrai da Fenomenologia todos os princípios fundamentais.

No contexto da Lógica ou Semiótica, Peirce demonstrou que existe uma *Gramática especulativa*, que nos faz identificar os signos, ora como similaridade – um desenho de um animal na parede -, ora como signo indicial – poça d'água que indica que choveu ou fumaça que indica fogo -, ora como símbolo convencionalizado pela cultura – as palavras que representam objetos sem nenhuma relação de aparência ou indício; a

Lógica crítica, que permite as inferências de raciocínio como dedução, indução e abdução, processos que nos fazem chegar a conclusões de pensamento, como um silogismo composto por premissas: as árvores são feitas de madeira, a jaqueira do meu quintal é uma árvore, logo, ela é feita de madeira; e a *Retórica especulativa* ou *Metodêutica*, que vem a ser o modo como desenvolvemos métodos para empreender essas questões do raciocínio, bem como para saber que métodos são mais apropriados a determinadas pesquisas – para descobrir de que forma os signos que compõem um discurso na mídia, por exemplo, fazem esse discurso funcionar precisamos ir à busca de respostas, levantando hipóteses, verificando pelo raciocínio e chegando a conclusões, ou seja, precisamos de um método que garanta esse procedimento de descoberta ou confirmação das respostas. É pela *Retórica especulativa* que descobrimos qual ou quais métodos são os mais apropriados.

O princípio da Fenomenologia

A Semiótica, segundo Santaella (2007), é uma das disciplinas que fazem parte da ampla arquitetura filosófica de Peirce; arquitetura esta alicerçada na Fenomenologia, uma quase-ciência que investiga os modos como aprendemos qualquer coisa que aparece à nossa mente: um cheiro, uma formação de nuvens, um ruído de chuva, ou mesmo algo complexo como um conceito abstrato provocado por uma lembrança.

Compreendida como método da crítica do conhecimento universal das essências por Edmund Husserl, fundador da Fenomenologia, é a própria ciência da essência do conhecimento. Na prática da Fenomenologia efetua-se o processo de redução fenomenológica que permite ao sujeito atingir a essência do fenômeno.

A Fenomenologia, para Peirce, era a primeira via para os trabalhos filosóficos. O dever primeiro do filósofo seria categorizar seus estudos. Inconformado com as categorias aristotélicas, muito mais voltadas para a linguística, Peirce, através da experimentação, voltou-se para a elaboração de categorias universais, partindo da Fenomenologia que pressupõe a observação dos fenômenos e a posterior categorização do pensamento e dos objetos.

O estudo fenomenológico é o que vai permitir a decifração do mundo enquanto linguagem. Fenômeno é tudo o que nos aparece: real, ilusório, virtual, imagético etc.

Partindo disso, entendemos que a Fenomenologia intenta caracterizar e compreender todos os fenômenos. Para estudarmos os fenômenos precisamos ter uma habilidade contemplativa, estar apto a distinguir as diferenças fenomênicas e ter a capacidade de colocar as observações em categorias.

A fenomenologia forneceu as fundações para as três ciências normativas: Estética, Ética e Lógica ou Semiótica e estas, por sua vez, fornecem as fundações para a metafísica. De acordo com Santaella (2007), elas são disciplinas muito abstratas e gerais que não se confundem com ciências práticas; e são chamadas de normativas porque têm por função estudar ideais, valores e normas. A Estética guia nossos sentimentos; a Ética guia nossa conduta e a Lógica estuda os ideais e normas que conduzem o pensamento.

A Lógica ou Semiótica, por sua vez, não vai se prender apenas às leis do pensamento e da sua evolução, debruçando-se, primeiramente, sobre as condições gerais dos signos: como se dá a transmissão de significado de uma mente para outra e de um estado mental para outro. Para proceder assim, foi dividida em três ramos: Gramática especulativa, Lógica crítica e Metodêutica ou Retórica Especulativa.

A gramática especulativa é o estudo de todos os tipos de signos e formas de pensamento que eles possibilitam. A lógica crítica toma como base as diversas espécies de signos e estuda os tipos de inferências, raciocínios ou argumentos que se estruturam através de signos. Esses tipos de argumentos são a abdução, a indução e a dedução. Por fim, tomando como base a validade e força que são próprias de cada tipo de argumento, a metodêutica tem por função analisar os métodos a que cada um dos tipos de raciocínio dá origem. Portanto, a metodêutica estuda os princípios do método científico, o modo como a pesquisa científica deve ser conduzida e como deve ser comunicada. (SANTAELLA, 2007, p. 3-4).

A Semiótica peirceana não deve ser confundida com uma ciência aplicada, pois seu legado demonstra a preocupação em tecer conceitos de signo adaptáveis a qualquer ciência aplicada. Como linguagens, as ciências são na verdade alicerçadas pela teoria semiótica.

O quadro que se segue demonstra o desdobramento dessa classificação e em seguida, apresentamos cada uma dessas categorias universais peirceanas.

FENOMENOLOGIA

Ética

Estética

Lógica ou Semiótica: Gramática especulativa:

ícone, índice, símbolo

Lógica crítica:

dedução, indução, abdução

Retórica especulativa ou Metodêutica

Fonte: os autores a partir das designações de Peirce (1977)

As disciplinas normativas: Estética, Ética e Lógica

Definição de Gramática especulativa

A Gramática especulativa é uma ciência geral dos signos, que estuda todos os tipos de signo e as formas de pensamento que possibilitam, trabalhando com conceitos abstratos que são capazes de determinar quando certos processos podem ser considerados signos. Ela traz definições e classificações para a análise de todos os tipos de linguagem, signos, sinais dentre outros.

O signo é qualquer coisa que represente outra coisa e cause um efeito em uma mente em potencial podendo, segundo Peirce, ser analisado de acordo com suas propriedades internas, seu significado, de acordo com sua referência àquilo que indica, como representação, e de acordo com os efeitos que está apto a produzir nos seus receptores, como interpretação. Podemos dizer, como exemplo, que a foto de um gato, o desenho de um gato, a própria palavra “gato” são signos desse animal. E mesmo que se trate de um objeto que não existe, como um unicórnio, essa representação signica continua valendo do mesmo modo.

Aqui fica evidente a tricotomia sgnica, como explica o próprio Peirce (1977): a primeira, conforme o signo em si mesmo for uma mera qualidade, um existente concreto ou uma lei geral; a segunda, conforme a relao do signo para com seu objeto consistir no fato de o signo ter um caráter em si mesmo, ou manter alguma relao existencial com esse objeto ou em sua relao com um interpretante; a terceira, conforme seu interpretante representá-lo como um signo de possibilidade ou como um signo de fato ou como um signo de razo. (PEIRCE, p. 51)

As propriedades do signo na relao com ele mesmo

De acordo com Peirce, há três propriedades formais que do capacidade a algo para que este funcione como um signo: sua qualidade, sua existência e seu caráter de lei. Retomando nosso exemplo do início, quando vemos um vulto vermelho temos uma qualidade daquilo que pode ser um signo; quando constatamos que se trata de um pano, temos a existência desse signo; e quando verificamos ser uma bandeira temos a convico de que por lei, trata-se de um signo convencionado na cultura.

Agora podemos entender o que Peirce quis dizer por Quali-signo, Sin-signo e Legi-signo. Na relao do signo com o próprio signo, quando uma qualidade funciona como signo, como a cor vermelha, por exemplo, que por si só pode remeter a perigo, temos um Quali-signo; O Sin-signo, por sua vez está relacionado com a existência do signo no espaço e no tempo, bem como com sua singularidade.  um signo de uma coisa real, algo existente: aquele vermelho  feito de pano; e, por fim, o Legi-signo, quando os signos agem de acordo com uma conveno. As palavras so convencionadas e a bandeira do nosso exemplo também: designou-se que uma bandeira vermelha tremulando na estrada  um aviso de alerta.

Estas três propriedades no so excludentes, geralmente elas agem juntas, pois a maioria das coisas, por exemplo, esto sob o domínio da lei. O que pode acontecer  a evidência de uma das propriedades como em uma obra de arte abstrata no qual a qualidade enquanto cor, volume, textura ficam mais evidentes que as demais propriedades.

Relação do signo com seu objeto

Assim como são três tipos de propriedades, também são três os tipos de relação que o signo pode ter com o assunto tratado, isto é, seu objeto. São elas: o *ícone*, o *índice* e o *símbolo*. Mas antes vamos falar um pouco de objeto.

O objeto do signo é aquele ao qual o signo se refere. No caso de uma foto de uma bola de futebol, por exemplo, o signo é a imagem enquanto o objeto é a bola e a forma como ela foi retratada. Para ajudar na compreensão das relações entre signo e objeto, Peirce estabeleceu uma distinção que é a do *objeto dinâmico* e do *objeto imediato*.

No objeto dinâmico o assunto é tratado pelo signo, como por exemplo, quando falamos uma frase, a própria frase é o signo e o assunto tratado é o objeto dinâmico. Com relação ao objeto imediato, este é o modo como o objeto dinâmico é representado ou sugerido. Vejamos um exemplo utilizado por Santaella (2007) quando olhamos uma reportagem abordada em dois jornais diferentes, o objeto dinâmico é o mesmo, mas o objeto imediato que é a forma com que vão tratar este assunto vai ser diferente dependendo do perfil e do estilo de cada jornal.

Por sua vez, na relação do signo com o objeto encontramos, como já dissemos, as categorias de ícone, índice e símbolo. O ícone é um signo que tem como fundamento um quali-signo, ou seja, remete-se a seu objeto pela similaridade de suas qualidades. Como qualidades não representam, apenas apresentam, o objeto imediato é justamente as qualidades exibidas e o objeto dinâmico só aparece se essa qualidade sugerir outra qualidade. Os rabiscos que esboçam uma casa no papel formam uma similaridade com uma casa de verdade pela aparência das formas finais.

O signo icônico foi dividido por Peirce em três níveis, chamados de *hipoícones*: imagem, diagrama e metáfora. A imagem tem uma relação de semelhança com seu objeto apenas pela aparência, como no caso do desenho da minha casa numa folha de papel. Já o diagrama representa, por semelhança as ligações internas do signo e as ligações internas do objeto, como a planta dessa minha casa feita pelo arquiteto, por exemplo, em que a semelhança entre a planta e a casa não está na aparência e sim nas ligações internas. A metáfora, por seu turno é a representação do objeto pela analogia e se dá na semelhança do significado de duas coisas distintas. Mantendo-se no exemplo

da casa, chamá-la de meu lar é uma metáfora porque o lar envolve a casa onde vive minha família, que vai muito além do desenho e da planta.

Podemos especificar melhor essa condição da metáfora através do uso de um ditado popular: “macaco velho não põe a mão em cumbuca”. Tal provérbio pode ser aplicado a infinitas situações humanas em qualquer parte do mundo. Isso porque existe uma imagem interna comum entre o fato de uma pessoa experiente não cair numa armadilha que já conhece e o dizer do macaco velho (pessoa experiente) que não mete a mão em cumbuca (não cai na armadilha já conhecida).

Ressalte-se, por sua vez, que os hipoícones são chamados de ícones degenerados, ou seja, eles são imagens comuns a muitas pessoas. Se mostrarmos a imagem de Papai Noel em qualquer parte do planeta, todos irão reconhecer de quem se trata. Porém, se falarmos da Cumadre Florzinha, a entidade que substitui a Caipora no Nordeste brasileiro, vamos verificar que há grandes diferenças na imagem que as pessoas fazem dela em diferentes lugares. Por isso ela não é um hipoícone, afinal não há uma imagem única, e sim, várias possíveis.

O hipoícone é muito usado em áreas como a de publicidade: para falar de um turista, por exemplo, o anúncio precisa ter a certeza de que todos irão reconhecer a imagem, caracterizando-a com um padrão reconhecível: um sujeito com chapéu, camisa florida de mangas curtas, óculos escuros, sandálias e máquina fotográfica pendurada no pescoço. Não seria um estereótipo, então, um hipoícone? Qual a imagem que nos faz reconhecer uma dona de casa?

O índice, como o próprio nome sugere, indica algo tendo como fundamento a existência concreta deste e está diretamente ligado ao objeto. Tudo o que existe é um índice ou pode funcionar como um. Afinal, temos aqui uma relação de causa e efeito. Pegadas na areia imediatamente nos remetem ao fato de que alguém passou por ali; poças de água no chão indicam que acabou de chover. Quando olhamos para a fumaça, geralmente não nos detemos nas propriedades dela, pensamos imediatamente no fogo que a produz.

O fundamento do símbolo é um legi-signo, sendo um signo que representa o objeto dinâmico através de uma lei, de uma convenção, possuindo caráter geral e não singular como no caso do índice. Seu objeto imediato é a forma como o signo irá representar seu objeto dinâmico, o significado. Um ícone pode se tornar um símbolo por

convenções socioculturais, ao ser carregado de significados simbólicos. Como já dissemos, as palavras são símbolos porque foram convencionadas.

Talvez possamos compreender melhor essas três categorias em um processo contínuo: um oriental que chegue ao Brasil pode ver numa cruz um ícone, identificando aqueles dois paus entrecruzados como o instrumento de tortura que os romanos usavam; se chegássemos em um país oriental, cuja religião oficial fosse o Budismo, ao vermos uma cruz no alto de uma construção veríamos aquela imagem como um índice, deduzindo imediatamente que ali existem cristão; mas nós, cristão, sempre olhamos para a cruz como um símbolo da morte de Cristo – nesses casos, temos a mesma cruz vista como ícone, índice e símbolo em três situações diferentes.

Relação do signo com o interpretante

Depois de conhecermos os signos em relação ao objeto e em relação a ele mesmo, agora podemos compreender como se processa o signo em relação ao interpretante, tendo em mente as relações anteriores de forma bem claras, como se segue.

Na relação do signo com ele mesmo percebemos as propriedades inerentes de qualidade, existência e legitimação: o vermelho por si mesmo, um pano vermelho que dá existência ao vermelho e uma bandeira vermelha que convencionou o vermelho como perigo – uma bandeira azul não faria essa legitimação. Na relação do signo com o objeto temos sua representação icônica, indicial e simbólica: o ícone tem uma similaridade com o objeto, como o desenho da casa; o índice indica algo do objeto como a fumaça indica o fogo; e o símbolo que é uma convenção na sua relação com o objeto, como a aliança na mão esquerda que convencionou o casamento. Na relação com o interpretante precisamos observar que se trata do mundo como a mente opera o signo consigo mesma.

De acordo com essa terceira tricotomia, um signo pode ser denominado Rema, Dicissigno ou Dicente (isto é, uma proposição ou quase-proposição) ou Argumento.

Um Rema é um signo que, para seu interpretante, é um signo de possibilidade qualitativa, ou seja, é entendido como representando esta e aquela espécie de Objeto possível. Todo rema propiciará, talvez, alguma informação, mas não é interpretado nesse sentido. O rema é um signo qualitativo. Quali-signos icônicos só podem produzir interpretantes remáticos, como por exemplo, quando alguém diz que uma nuvem no céu

parece com um coelho, trata-se de uma hipótese de quando uma qualidade é usada como um signo de outra qualidade na forma de comparação.

Um signo Dicente é um signo que, para seu interpretante, é um signo de existência real. Portanto, não pode ser um ícone o qual não dá base para interpretá-lo como sendo algo que se refere a uma existência real. Um Dicissigno necessariamente envolve, como parte dele, um Rema para descrever o fato que é interpretado como sendo por ela indicado. Mas este é um tipo especial de Rema e, embora seja essencial ao Dicissigno, de modo algum o constitui. O dicente é um interpretante de signos reais, ou seja, indiciais. Um exemplo é um caderno em cima da cama, realmente existe e sua existência pode ser comprovada. Já o argumento é um signo de lei com base nas sequências lógicas de que o legi-signo simbólico depende.

Um argumento é um signo que, para seu interpretante, é signo de lei. Podemos dizer que um Rema é um signo que é entendido como representando seu objeto apenas em seus caracteres; que um Dicissigno é um signo que é entendido como representando seu objeto com respeito à existência real.; e que um Argumento é um Signo que é entendido como representando seu objeto em seu caráter de Signo. (PEIRCE, 1977, p. 53).

Um quadro simples dessas relações do signo com o signo, do signo com o objeto e do signo com o interpretante:

Categoria Universal	O signo em relação a si mesmo	O signo em relação ao objeto	O signo em relação ao interpretante
Primeiridade	Qualisigno	Ícone	Rema
Secundidade	Sinsigno	Índice	Dicente
Terceiridade	Legisigno	Símbolo	Argumento

Fonte: Coelho Netto (1999, p. 68).

A partir dessas conjecturas Peirce vai apresentar as dez classes de signos constituídas pelas três tricotomias em conjunto, com a recombinação dessas tricotomias, demonstrando que elas atuam em constante interação. E mostra as afinidades entre essas dez classes de signos assim constituídas: 1) remático, icônico, qualissigno; 2) remático, icônico, sinsigno; 3) remático, indicial, sinsigno; 4) dicente, indicial, sinsigno; 5) remático, icônico, legissigno; 6) remático, indicial, legissigno; 7) dicente, indicial,

legissigno; 8) remático, simbólico, legissigno, 9) dicente, simbólico, legissigno; 10) argumento, simbólico, legissigno.

A nossa interação diária com o mundo que habitamos, feita por atos e ações cotidianas, não nos permite ver de forma particularizada essas operações e procedimentos mentais. Nós internalizamos nossa relação com tudo em volta e com a percepção em processos contínuos de pensamento. Mas, se analisarmos o modo como aprendemos desde a mais tenra infância, ao longo da nossa formação, bem como o modo como lidamos com assuntos e situações desconhecidas, vamos perceber cada uma dessas etapas em ação.

A base da cultura humana é a linguagem e esta é constituída pelos signos que chegam às nossas mentes, compostos por um corpo imediato, que é sua constituição, e um corpo dinâmico, que é seu significado. Processamos e organizamos o conhecimento a partir desse processo e constituímos nossa personalidade com os significados dessa existência.

A Lógica crítica

O raciocínio é o conhecimento que exige provas e demonstrações e se realiza igualmente por meio de provas e demonstrações das verdades que estão sendo conhecidas ou investigadas. Não é um ato intelectual, mas são vários atos intelectuais internamente ligados ou conectados, formando um processo de conhecimento. O raciocínio, segundo a Lógica Crítica de Peirce, se dá pela *dedução*, *indução* e *abdução*.

É importante que se leve em conta que esses três tipos de raciocínio não são privilégio exclusivo, nem da lógica como disciplina, nem de outras ciências, mas trata-se, isto sim, de formas de pensamento que empregamos de modo rudimentar cotidianamente. São as formas pelas quais o pensamento se organiza em qualquer situação e das quais a lógica e os métodos de raciocínio empregados nas ciências são uma sofisticação, pois representam os casos em que forma e raciocínio são submetidas à disciplina do autocontrole. (DRIGO, 2007).

A dedução consiste em partir de uma verdade já conhecida (seja por intuição, seja por uma demonstração anterior) e que funciona como um princípio geral ao qual se subordinam todos os casos que serão demonstrados a partir dela. Em outras palavras, na

dedução parte-se de uma verdade já conhecida para demonstrar que ela se aplica a todos os casos particulares iguais. Por isso também se diz que a dedução vai do geral ao particular ou do universal ao individual. O ponto de partida de uma dedução é ou uma idéia verdadeira ou uma teoria verdadeira.

A indução realiza um caminho exatamente contrário ao da dedução. Com a indução, partimos de casos particulares iguais ou semelhantes e procuramos a lei geral, a definição geral ou a teoria geral que explica e subordina todos esses casos particulares. A definição ou a teoria são obtidas no ponto final do percurso. E a razão também oferece um conjunto de regras precisas para guiar a indução; se tais regras não forem respeitadas, a indução será considerada falsa.

A abdução é uma espécie de intuição, mas que não se dá de uma só vez, indo passo a passo para chegar a uma conclusão. A abdução é a busca de uma conclusão pela interpretação racional de sinais, de indícios, de signos.

Podemos compreender melhor a relação entre esses três tipos de inferências na seguinte situação: você está em um armazém repleto de sacas de feijão. O proprietário mostra que um determinado lote é composto por sacas de feijões pretos. Ele tem um punhado de feijões na mão fechada e pergunta: “Aquelas sacas de feijões são pretos; estes feijões na minha mão são daquelas sacas; qual a cor desses feijões?” E você responde acertadamente, pelo raciocínio de dedução, que são feijões pretos. Em outra ocasião, o proprietário mostra um novo punhado de feijões e diz: “Estes feijões são pretos; eles são daquelas sacas. Que cor são os feijões daquelas sacas?”. Agora, pelo raciocínio de indução, você responde que os feijões das sacas são pretos, o que também está correto, considerando, como vimos, que as premissas são verdadeiras.

Porém, se o proprietário chega para você e diz: “Os feijões daquelas sacas são pretos; estes feijões em minha mão são pretos; estes feijões são daquelas sacas? Nesse caso, não há como estabelecer a relação entre os feijões da mãos com os feijões daqueles nas sacas, exceto pela cor; podemos ter essa relação por hipótese: se estou em um armazém que tem um conjunto de sacas de feijões pretos e alguém traz na mão um punhado de feijões pretos, posso supor que os feijões foram retirados das sacas, mas vou precisar de confirmação dessa hipótese. Pode ser que os feijões naquela mão tenham vindo de fora e trazidos até ali.

Mas, a compreensão do que vem a ser abdução exige um pouco mais de explicações, que podem ser dadas pelo próprio Peirce. Ele considera a abdução como a faculdade do homem de adivinhar os caminhos da natureza e que não se dá por meio de uma lógica crítica e autocontrolada.

Para Peirce, a sugestão abdutiva surge como um lampejo, um ato de insight, embora de um insight extremamente falível. É verdade que os diferentes elementos da hipótese já estavam em nossas mentes antes; mas é a idéia de reunir aquilo que nunca tínhamos sonhado reunir que lampeja a nova sugestão diante de nossa contemplação.

O pensamento – o caminhar do desvelar de signos/interpretantes – envolve os três tipos de consciência. Assim, a abdução ocorre em instantes em que a consciência predomina diluída, porosa, espalhada, ou seja, a consciência imediata é a que predomina. Assim, a idéia aparece como uma adivinhação! A abdução sugere que alguma coisa pode ser, criando, de algum modo intuitivo, um processo que culmina com uma teoria explicativa. Cada um dos itens singulares da teoria científica que estão hoje formados deve-se à abdução.

A Retórica especulativa ou Metodêutica

A Metodêutica, conhecida também como Retórica especulativa, investiga a pertinência dos métodos que devem ser abordados na pesquisa, na exploração e na aplicação da verdade, ou seja, os princípios do método científico, o modo como a pesquisa científica deve ser conduzida e como deve ser comunicada. Ela é considerada um estudo teórico que tem como objetivo examinar a ordem ou procedimento apropriado a qualquer investigação.

O método, nessa retórica especulativa, vai ser corrigido sempre, através dos trabalhos de uma comunidade de investigadores, em que a verdade é uma meta a ser alcançada. Contudo, a verdade será sempre incompleta, pois estamos, como define Peirce (1977), a meio caminho da verdade, ou se não, haveria um método capaz de explicar todos os fenômenos.

Entendemos a retórica como aquilo que faz o discurso funcionar, então a retórica especulativa seria a busca por aquilo que faz o método funcionar em uma pesquisa. Seu nome vem do fato de estudar condições necessárias das transmissões de significados por

meio de símbolos e de outros signos, lidando com condições lógicas efetivas da significação. A Metodêutica vai transformar o método em um signo simbólico, estudando a sua relação com os interpretantes. Ela está relacionada com o estudo do uso de formas significativas, uma maneira de pensar que deveria indicar quais formas de pensamento é adequada ao propósito da Razão.

Com o objetivo de examinar a ordem ou o procedimento mais apropriado a qualquer investigação, a Metodêutica vai tratar os tipos de raciocínio (abdução, dedução e indução) como métodos e estes então como estágios da pesquisa científica. Neste caso o raciocínio segue a seguinte lógica: a abdução seria a descoberta de uma hipótese; a dedução, como as conseqüências da hipótese; e a indução como a tese da hipótese.

As leis de evolução do pensamento, trazidas pelo entendimento dos tipos de raciocínio, faz com que Santaella (2001) afirme que Peirce encontrou uma constante a toda variedade de procedimentos e métodos empregados pela ciência, mesmo que Peirce, em sua obra sobre a semiótica, não traga um tratamento sistemático do assunto, com observações da pesquisa e os princípios em relação à metodêutica espalhados por toda a sua obra.

Semiótica aplicada à Comunicação

A Semiótica não é uma ciência aplicada, e sim, uma ciência formal e abstrata que, segundo Santaella (1983) tem por objetivo a investigação de todas as linguagens possíveis e o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno de produção de significação e de sentido.

Geralmente estudamos os signos de maneira controlada, a partir de fotos, desenhos, filmes, discursos etc. Mas, não podemos esquecer que eles são muito dinâmicos, estão sendo criados numa profusão muito grande nos últimos anos e mudam constantemente.

Um signo tem um significado hoje diferente de ontem. Em um lugar é de uma jeito e em outro, tem nova significação. Existem signos únicos para muitas interpretações e uma mesma interpretação para muitos signos. Eles são extremamente mutáveis: uma cor, um traço, uma posição, muda completamente o significado de um antigo símbolo.

A Web, por sua vez, tem espaços midiáticos propícios a essas constantes mutações. No mesmo ambiente de sites, portais e blogs, por exemplo eles aparecem todos os dias e mudam toda hora.

Um blog é um site composto por linguagens que estruturam um gênero já definido historicamente.

Para fazermos uma pesquisa científica de compreensão de como e porque um blog tornou-se um fenômeno de Comunicação, precisamos compreender a composição estrutural do blog com seus signos formadores de linguagens.

São palavras, textos, gráficos, desenhos, fotos e tarjas coloridas – há recursos sonoros, verbais e imagéticos; ícones que se tornam símbolos, relações indiciais entre signos, todos compondo discursos funcionais.

Precisamos fazer as inferências necessárias para tirar conclusões e isso exige uma definição de métodos que permitem fazer a pesquisa funcionar.

Ao fazermos constatações vamos constituindo premissas. As deduções exigem, muitas vezes, o levantamento de hipóteses, como prática da abdução.

Podemos decidir que o melhor método é o da análise do discurso ou da análise de conteúdo. Também podemos ir em busca de um método novo, apropriado a uma visão do ponto de vista da Comunicação.

Há uma pesquisa em curso, então, exigindo o desenvolvimento ou a aplicação de métodos. São fenômenos comunicacionais novos que requerem a criação, até, de métodos inovadores de pesquisa.

Como entender em uma foto como será essa estruturação dos signos até a formação de hipoícones. Trata-se de uma foto que em seu caráter representativo é visto como um ícone por ser uma imagem similar do real. Seu caráter indicial está no fato de ser um produto de causa e efeito: imagem registrada por uma luz; seu aspecto simbólico está no fato de ser um símbolo da modernidade, dos meios de comunicação criados a partir da revolução industrial.

Ao mesmo tempo em que a foto é composta por ícones: há ícones de uma criança, de uma mulher, de um homem, de uma escada, de uma árvore de Natal e de uma lâmpada de Natal.

Podemos fazer uma primeira inferência de que se trata de uma família, pelos ícones indicados. Mas, a imagem pode estar constituída por uma criança que passa

numa calçada, diante de uma vitrine em que se vê uma mulher enfeitando uma árvore com a lâmpada e ao lado da vitrine, uma mendigo pedindo esmolas. Portanto, não seria uma família.

A imagem indicaria uma família se o diagrama das figuras demonstrasse isso: uma mulher segurando a escada na qual o homem sobe para alcançar o topo de uma árvore de Natal e uma criança estende a lâmpada para ele ornar a árvore. Teríamos uma simbologia do Natal com a família. Na nossa cultura trata-se de um hipóicone devidamente constituído porque todos vão fazer a mesma leitura e interpretação imediata.

Um caso interessante é o da logomarca da Google que muda frequentemente de motivo, mas a marca não perde sua identidade. Ocorrem mudanças de cores, formatos, tamanhos etc., mas a palavra Google mantém a identidade e a personalidade da marca sem criar nenhum ruído ou enfraquecimento da mesma.

A busca por métodos mais apropriados para estudos diversos em várias áreas já constitui o uso evidente da Metodêutica ou Retórica especulativa. Mas, o uso mais comum da Semiótica nas pesquisas em Comunicação vem da aplicação da Gramática especulativa em inúmeras linguagens como a da fotografia, presente nas áreas de jornalismo e publicidade.

Podemos utilizar a Semiótica, mais especificamente sua Gramática especulativa, para compreender o processo de significação decorrente, por exemplo, das marcas e logomarcas, em que os ícones são carregados de significados para se transformarem em símbolos. Ou mesmo para analisar de que forma certas representações como Papai Noel, como já foi mencionado antes, tornam-se hipóicones, ou seja, ícones degenerados, reconhecíveis por qualquer pessoa em qualquer parte do mundo.

Essa operacionalidade configurativa dos signos é o que permite o jogo de significados que certas representações passam a ter em nossas mentes, a partir da plasticidade com que as mídias usam as linguagens, compondo mensagens constitutivas do discurso publicitário para as marcas. (NICOLAU, 2007, p. 5)

Mas, também, a Gramática especulativa permite que possamos verificar como discursos inteiros se tornam icônicos, indiciais ou simbólicos: o jornalismo procura representar a realidade a partir da reprodução de partes desta; a publicidade tem todas as suas mensagens vinculadas diretamente às marcas e produtos, sem as quais perderia sua

função; a literatura é pura convenção, criada e legitimada no âmbito de sua arte – são, portanto, discursos icônicos, indiciais e simbólicos, respectivamente, passíveis de estudos semióticos.

É importante destacar que a fotografia se assemelha ao objeto fotografado, em certos exemplos, o que não significa afirmar que todas as fotografias são ícones. Tal afirmação não pode ser feita, devendo as fotografias ser analisadas caso a caso e como imagens.

Ao fazer referência à fotografia, é necessário observar em que categoria as fotografias analisadas se inserem. Se à categoria das fotografias em si próprias, se das fotografias jornalísticas ou das fotografias publicitárias e, ainda, se são flagrantes ou instantâneas. É preciso, num primeiro momento, estabelecer a que categoria pertence a fotografia a ser analisada. Perceber esse fator é essencial para as observações que se seguirão e que serão fundamentais para a classificação das fotografias enquanto ícones ou índices.

Quando observamos fotografias publicitárias, devemos atentar para a questão de que esse tipo de fotografia passa por outro processo, por um nível de codificação, por criação, sendo a fotografia transformada em imagem publicitária.

A rigor a fotografia publicitária, uma vez inserida no anúncio, nunca é fotografia pura ou em si mesma, mas imagem fotográfica sujeita a processos de codificação entre os quais o icônico (nível das denotações) e iconográfico (nível das conotações). Neste sentido, são icônicas e não indiciais.

Dependendo do contexto, as fotografias jornalísticas são ícones porque entram em cena, por exemplo, o enfoque do editor e a própria mensagem que o jornal ou revista deseja transmitir com a utilização da referida fotografia. Nesses casos, existe uma relação de similaridade, mas a representação do objeto não se dá na totalidade.

Uma das riquezas da Teoria de Peirce é a visão generalista e lógica de organização dos signos. No entanto, as especificidades de cada linguagem, nesse caso as cores, as formas, as animações, os sons dos signos digitais, a funcionalidade, a navegabilidade, a usabilidade das interfaces criadas devem ser profundamente analisadas, pois aí também se encontram os elementos significantes e os significados que irão permitir a compreensão do signo em sua totalidade.

As mídias digitais da atualidade parecem ser bastante propícias ao estudo da Semiótica, uma vez que é nesse contexto que têm surgido um número muito grande de linguagens, com a criação de ícones representativos de uma realidade virtual. Ao mesmo tempo em que a virtualização da linguagem fechou um ciclo importante na constituição das imagens no âmbito da nossa cultura. Segundo Santaella (2009), podemos distinguir as imagens que habitam a cultura humana como sendo pictóricas – feitas pela mão do homem; fotográficas – feitas pela máquina; virtuais – feitas pelo computador. Elas são representativas de processos icônicos, indiciais e simbólicos. A pictórica pela sua similaridade; a fotográfica pela relação de causa e efeito da impressão da imagem; e a virtual pela sua dimensão simbólica no plano do ciberespaço.

Citada por Santaella (2007, p. XIII) em sua obra *Semiótica aplicada*, Buczynska-Garewicks, considerada uma das maiores críticas do uso da semiótica peirceana para estudos empíricos, diz que a teoria dos signos “é capaz de explicar e interpretar todo o domínio da cognição humana” [...] Além de ser uma teoria do conhecimento, a Semiótica também fornece as categorias para a análise da cognição já realizada. Com isso, ela também é uma metodologia. [...] “Infelizmente”, completa a autora, “é moda aludir a semiótica de Peirce em geral, ou a muitas de suas categorias semióticas, sem uma apreensão mais completa de seu sentido profundo e multidimensional”.

Referências

DRIGO, Maria Ogécia. **Comunicação e cognição: semiose na mente humana**. Porto Alegre: Sulina; Sorocaba: EDUNISIO, 2007.

ECO, Umberto e SEBEOK, Thomas (Org.). **O signo de três**. São Paulo, Perspectiva, 1991.

NETTO, Teixeira Coelho. **Semiótica, informação e comunicação**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

NICOLAU, Marcos. **Desígnios de signos: a relação entre poesia de vanguarda e publicidade impressa**. João Pessoa: Idéia Editora, 2001.

_____. **Comunicação neurocientífica: a ação semiótica das marcas na mente e no cérebro dos consumidores**. Disponível em: www.insite.pro.br / Revista Temática / Edições Anteriores / 2007.

NÖTH, Winfried. **Panorama da semiótica: de Platão a Peirce**. São Paulo: Annablume, 1995.

_____. **A Semiótica no século XX**. São Paulo, Annablume, 1996.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

_____. **Semiótica e filosofia**. São Paulo, Cultrix, 1972.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2009.

_____. **Comunicação & semiótica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

_____. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

_____. **Matrizes da linguagem e pensamento**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo, Cultrix, 1988.